

Tales Faria

Jaques Wagner e Davi Alcolumbre se reaproximam, mas não muito

A reportagem da revista *Veja* segundo a qual, em nova proposta de delação premiada, o ex-banqueiro Daniel Vercaro cita pagamento de propina ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP) e negócios com o PT da Bahia está promovendo a reaproximação entre Alcolumbre e o líder do governo, Jaques Wagner (PT-BA).

Os dois estavam praticamente rompidos desde que o Senado derrubou a indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

Mas velhas feridas ainda não cicatrizaram totalmente. Alcolumbre permanece culpando Wagner por ter trabalhado contra a indicação de seu candidato ao STF, o senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG). Já o líder do governo continua achando que foi usado como desculpa pelo presidente do Senado para abrir guerra contra o Palácio do Planalto em busca de atendimento a seus pleitos pessoais pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

De qualquer maneira, os ressentimentos mútuos tiveram uma breve pausa nesta terça-feira, 16. Alcolumbre fez um pronunciamento “indignado” no plenário contra a reportagem, e Wagner subiu à tribuna não só para se defender, mas também para manifestar solidariedade ao presidente da Casa.

Alcolumbre, afirmou:

“Eu repudio, com toda a firmeza e com toda a indignação, o conteúdo dessa matéria. Jamais recebi aqueles valores, ou outros quaisquer, no Brasil ou no exterior, por qualquer motivo que seja. São alegações inteiramente falsas, com a única e aparente intenção de arrastar para a lama o meu nome,

a minha honra, a minha reputação. Vou repetir a Vossas Excelências: jamais recebi quaisquer valores em contas no Brasil ou no exterior. Isso, absolutamente, nunca aconteceu. Faço questão de afirmar isso para tranquilizar esta Casa, os senadores e as senadoras da República e a sociedade brasileira.”

A destacar que “o mal já está feito”, o presidente do Senado ameaçou:

“Aqueles que promoveram essas calúnias serão responsabilizados e serão punidos. O Brasil conhecerá o nome de quem tentou me envolver em um crime do qual sou absolutamente, repito, absolutamente inocente.”

Da tribuna, Wagner apontou para Alcolumbre e disse que estava ali “para se solidarizar”. “Esse ‘instituto da leviandade’ precisa ter um ponto final. A capa da *Veja* fala de uma delação inexistente, porque foi negada pela Polícia Federal e pela Procuradoria-Geral da República”, afirmou.

Também se mostrou irritado com as acusações sobre supostos negócios do PT da Bahia. “Já desafié vários a me mostrarem qual foi a investigação que encontrou algo sobre o meu comportamento ou do ex-governador Rui Costa”, [que até recentemente atuava como ministro-chefe da Casa Civil].

Wagner fez uma autocrítica sobre a legislação aprovada pelo governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT): a Lei das Organizações Criminosas. Avaliou que o Congresso cometeu um erro ao admitir a delação para pessoas presas, o que, segundo ele, abre margem para coações psicológicas.

Ao final, Alcolumbre acenou com a cabeça em agradecimento. E o gesto foi retribuído pelo líder.

Fernando Molica

O salto sem cordas da direita

As últimas pesquisas divulgadas, em particular a MDA/CNT, indicam que a direita e a centro-direita brasileiras foram gravemente feridas pela adição a Jair Bolsonaro. Ao pegarem carona acrítica com o ex-presidente, esses setores se deixaram levar pelo mais fácil, mergulharam no abismo certos de que cairiam num macio colchão de votos.

Diferentemente da jovem vítima dos irresponsáveis que a jogaram do alto de um viaduto, políticos de vários matizes — e até aqueles que não se preocupam com isso — dispensaram cordas ou quaisquer equipamentos de segurança quando pularam de cabeça no mito bolsonarista.

Mostraram-se fascinados por um sistema de conquista de votos que dispensava elaborações minimamente sofisticadas ou infundáveis estudos relacionados à economia e à administração pública, ignorava preceitos científicos e acadêmicos, desprezava técnicos que elaboram estratégias sofisticadas para sua equipe: era baseado na lógica do chute, do bola pro mato em jogo de campeonato.

O bolsonarismo acabou com o constrangimento sentido por políticos incapazes de formular alguma proposta; para ganhar eleição e ficar bem no story bastava gritar chavões e xingamentos, produzir cenas constrangedoras no plenário, alimentar o ódio nas redes. Criou uma espécie de atalho, como se fosse capaz de transformar em doutor em física nuclear alguém incapaz de somar dois mais dois.

Não se pode acusar Bolsonaro de ter escondido o jogo ou preparado surpresas. Desde o início de sua carreira política que ele joga aberto, nunca disfarçou seus pensamentos autoritários, sua defesa da tortura, sua aversão à democracia, suas posições

machistas e preconceituosas.

Na Presidência, não negou o candidato, fez ou tentou fazer o que prometera em relação ao meio ambiente, indígenas, direitos individuais e coletivos — tentou até mesmo aplicar o golpe que, anos antes, dissera que daria caso chegasse à Presidência. Na pandemia, dobrou a aposta no lado obscurantista.

É compreensível que setores da população sejam seduzidos por uma linguagem simplista, de viés religioso, de contestação ao sistema de plantão, às instituições que costumam ignorar quem mais delas precisa. Havia também bons motivos para que o PT fosse rejeitado.

Mas é imperdoável que políticos com anos e anos de mandato, tenham se deixado se levar. O oportunismo suplantou todas as precauções mínimas, relacionadas, no limite, à própria sobrevivência da democracia.

Não dá para esperar nada de parlamentares dedicados à mineração de recursos públicos — estes estarão sempre ao lado do cofre —, mas é surpreendente que quadros experientes tenham atirado contra a própria biografia ao renovarem a aposta no projeto autoritário e personalista incorporado por Bolsonaro.

Os sucessivos tropeços de Flávio Bolsonaro e a inexpressividade dos outros candidatos da direita mostram que a adesão irrestrita à uma aventura cobra seu preço. Eleições costumam reservar surpresas, mas a de 2026 aponta menos para uma vitória da esquerda e da centro-esquerda e mais para a derrocada dos que apostaram no abismo, que buscaram cordas apenas para se enforcarem.

EDITORIAL

Respeito e proteção à pessoa idosa

O mês de junho é marcado por uma importante campanha de conscientização: o Junho Violeta, movimento dedicado à prevenção e ao combate à violência contra a pessoa idosa. A iniciativa busca chamar a atenção da sociedade para os diversos tipos de agressões e violações de direitos que atingem milhões de brasileiros com 60 anos ou mais.

A data central da campanha é celebrada em 15 de junho, instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa. O objetivo é estimular a reflexão sobre a necessidade de garantir dignidade, respeito e qualidade de vida para aqueles que contribuíram durante décadas para a construção da sociedade.

A violência contra idosos pode se manifestar de diferentes formas. Além das agressões físicas, há casos de violência psicológica, financeira, patrimonial, sexual, negligência e abandono. Muitas vezes, os abusos acontecem dentro do próprio ambiente familiar, tornando a denúncia ainda mais difícil e delicada.

Segundo especialistas, o envelhecimento da população brasileira exige que governos e sociedade ampliem as políticas públicas voltadas para a terceira idade. O Brasil vive uma rápida transição demográfica e, nas

próximas décadas, o número de idosos deverá crescer significativamente. Esse cenário torna ainda mais urgente a criação de mecanismos de proteção e acolhimento.

Outro desafio é combater o preconceito relacionado à idade, conhecido como etarismo. A discriminação contra idosos pode gerar exclusão social, dificuldades de acesso a serviços e até mesmo situações de violência. Valorizar a experiência, o conhecimento e a participação ativa dos mais velhos é fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

A conscientização também passa pela informação. Familiares, vizinhos, profissionais de saúde e toda a comunidade devem estar atentos aos sinais de maus-tratos, como isolamento repentino, medo excessivo, lesões frequentes, falta de cuidados básicos ou movimentações financeiras suspeitas. Em casos de suspeita ou confirmação de violência, a denúncia é essencial para interromper o ciclo de abusos e garantir a proteção da vítima.

O Junho Violeta reforça que envelhecer com dignidade é um direito de todos. Mais do que uma campanha de um mês, a mobilização representa um convite permanente à reflexão sobre o papel de cada cidadão na defesa dos direitos da pessoa idosa.

Opinião do leitor

Transporte

Usuários do transporte público voltaram a reclamar das condições enfrentadas diariamente nos ônibus que atendem bairros periféricos de Barra Mansa-RJ. Entre as principais queixas estão atrasos frequentes, superlotação nos horários de pico e a redução do número de veículos em circulação.

Tadeu Soares
Barra Mansa-RJ

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.